

FRANCHI, Eglê. *E as crianças eram difíceis... A redação na escola.*
São Paulo, Martins Fontes, 1984.

Professor primário e/ou de Comunicação e Expressão:

O que você faria se lhe fosse destinada uma turma de alunos considerados os "rebotinhos" da escola?

Como você reagiria se, após um bate-papo inicial querendo conhecer os alunos, a resposta dada a um pedido seu de sugestão para saber quem é quem na classe, fosse:

"— Cada um fala seu nome pra dona!

— Nem boa é essa idéia seu bosta!

— Sua fia da puta, bosta sua mãe!"?

Como você iniciaria um trabalho de desenvolvimento da expressividade escrita da criança, se as primeiras redações de seus alunos fossem semelhantes a esta:

"Eu e meu golega fomos pescar no rio comesou a puxar e ele viu e puxou e o ansol enroscou e ele subiu na arvore para desenherosça e o ansol caio dreto do rio.

Eu tinha 50 cruzeiros e ele foi conpar ansol para amara o ansol na linha e o ansol dele enroscou no meu e a linha dele caiu e ele foi cata e cáí norio."?

Talvez você já tenha vivido situações como estas e tenha encontrado soluções pessoais para o (s) caso (s), talvez você já tenha ouvido falar que isto existe nas escolas. De qualquer maneira, para todo educador, questões como estas são sempre inquietantes, assustadoras, verdadeiros desafios.

O livro de Eglê Franchi não tem nenhuma pretensão de ensinar como resolver problemas desse tipo, nem de se transformar num receituário para lidar com criança de periferia, com problemas de aprendizagem e de "disciplina".

Sua intenção é bem menor, é relatar como, colocada diante de uma realidade concreta, resolveu assumir o seu "viável

histórico”: conhecer, analisar, buscar soluções, vivenciar a experiência com seus alunos “especiais” do 3º ano primário, tentando transformar aquela realidade, na medida de suas possibilidades e dentro de seus limites, a sala de aula.

No seu relato, simples, agradável de ler e emocionante, muitas vezes, Eglê começa por apresentar uma análise de papel da escola nos dias atuais, descreve o clima de sua classe, expõe suas crianças, seus objetivos e, didaticamente, todo o processo de trabalho, que desenvolveu, as redações, como as corrigiu, que exercícios utilizou, que resultados obteve, onde teve êxito e onde falhou. Permeando um trabalho técnico, ressalta o trabalho afetivo, o trabalho de ajudar a devolver àquelas crianças a auto-estima e a autovalorização que, por uma série de motivos, elas haviam perdido e que é essencial ao bom desempenho escolar.

A preocupação central de todo o trabalho é a linguagem utilizada pelas crianças e a sua capacidade de expressar-se através da utilização da linguagem considerada “cult”, a linguagem padrão que é a da escola e a das classes sociais dominantes. Como fazer a criança, que fala e escreve servindo-se do seu dialeto da comunidade, regional ou de sua classe social, apoderar-se aos poucos do dialeto considerado culto sem bloquear sua expressividade e inventividade e sem desvalorizar a si próprio e a sua forma de co-

municação verbal.

Sem cair nas formas maniqueístas do certo e errado, do bom e do mau uso da língua (afirmações preconceituosas dos defensores da linguagem culta e do status quo) e na também maniqueísta substituição do culto pelo popular (o “dialeto culto é menos comunicativo” o “popular é mais rico”), Eglê mostra que é possível fazer uma desmistificação da linguagem e dos mecanismos e valores sociais que a determinam. O melhor testemunho disto talvez sejam as afirmações de mães dos alunos: “Essa língua que nós fala nun é assim errada, nós num precisa tê vergonha dela” ou “e eu agradeço pela senhora tê feito ele escrevê as coisa que eu num sabia que ele podia escrevê. Acho que nem ele mesmo sabia”.

Vale a pena ler *E as crianças eram difíceis*. Mesmo que você encontre nele uma porção de coisas que já utilizou em suas aulas de Português, não o desvalorize: pelo contrário some à sua experiência a apresentada por Eglê e reflita sobre o que esta realmente tem de novo, uma postura educacional que alia afetividade, conhecimentos teóricos e práticos e consciência política.

P.S. O livro era originariamente uma tese de mestrado. Mais um mérito: prova que tese não precisa ser chata, complicada e somente para iniciados!.

Tânia Maria Piacentini